

**Resenha**

**RESENHA**  
**INTRODUÇÃO AOS ESTUDOS CULTURAIS**

Carlos Eduardo Ribeiro  
Bacharel em Cinema e Animação (UFPEl)

**Introdução aos estudos culturais**

Para escapar a uma inexorável depreciação, os estudos culturais devem voltar a questões com as quais se confrontavam nos anos 1970: onde se situam hoje as conexões interdisciplinares produtivas? Como a militância pode ser o motor e não uma ameaça para o trabalho intelectual? E também devem encarar desafios inéditos: a administração de riscos decorrentes de uma institucionalização acabada, o questionamento sobre o que mudou na economia e o estatuto do cultural. (p.165-166)

Em *Introdução aos Estudos Culturais*, Erik Neveu e Armand Mattelart traçam a história dos *cultural studies*, campo de pesquisa sobre a relação comunicação e cultura. O livro começa observando o estudo de produtos culturais na Inglaterra século XIX, mas seu foco se situa a partir da década de 1960, mais especificamente pós-CCCS (*Centre for Contemporary Culture Studies*), na *Birmingham University*, Inglaterra. O livro é referenciado em muitas teses e dissertações através do mundo e é relevante para estudos acerca de gênero,

*queer literature*, identidade, pós-colonialismo, recepção de produtos culturais e psicologia social, por exemplo. Os teóricos fundadores da escola, ditos *founding fathers*, são: Edward Thompson, Richard Hoggart, Raymond Williams. Um lugar de honra entre estes é aferido a Stuart Hall, embora não seja fundador.

A edição original do livro foi lançada em 2003, “*Introduction aux Cultural Studies*”, *Éditions La Découverte*, Paris; a da *Parábola Editorial* tem 215 páginas e data de um ano depois. O corpo do texto se divide em cinco seções, respectivamente: I. A crítica cultural da sociedade burguesa; II. Os anos de Birmingham (1964-1980): a primavera dos estudos culturais; III. As ambivalências dos canteiros da recepção; IV. Internacionalização e crise dos estudos culturais; V. As condições de renovação; seguidas de uma breve Conclusão. O autor Erik Neveu, nascido em 1952, é um sociólogo e cientista político francês, professor universitário na *Sciences Po Rennes (Institut d’édutes Politiques de Rennes)*. Mattelart, autor mais renomado, é um sociólogo belga nascido em 1936. Também cursou Direito e Ciências Políticas e viveu no Chile entre 1962 e 1973. Em 1971 escreveu o panfleto *Para ler o Pato Donald*, obra imbricada de forte teor marxista e que lhe deu relativa visibilidade: muito devido à censura nos Estados Unidos.

Conforme Hoggart, em uma conferência em 1964, o projeto do CCCS faz apelo direto à revista *Scrutiny* no uso dos métodos de crítica textual e literária, mas “deslocando sua aplicação das obras clássicas e legítimas para os produtos de culturas de massa e para o universo das práticas culturais populares” (p.56). *Scrutiny* foi fundada por F. Raymond Leavis, tendo existido entre os anos 1932 e 1953, ou seja, antecessora ao CCCS. O Centro surgiu em um momento onde as culturas não-legítimas, como o cinema, eram vistas com receio em determinados ambiente acadêmicos mais ortodoxos; e portanto a inclinação desses pesquisadores ao estudo das culturas massivas ou das classes populares, aliada ao emprego de um corpo teórico pouco homogêneo, possibilitou que alguns os considerassem representantes de um “vanguardismo pitoresco” (p.55). Naturalmente, os *cultural studies*, a seguir, viabilizaram o estudo de obras outrora consideradas ainda mais mundanas que o cinema, como telenovelas e comerciais televisivos. Todavia, os autores aqui aferem que “a história do Centro nunca esteve isenta de tensões e debates (...) [e] não é tudo o que foi publicado em seus *working papers* que merece passar para a posteridade” (p.55).

Mattelart e Neveu notam, ainda, que estudos sobre culturas não-eruditas a partir da década de 60 foram empreendidos na Europa também fora da tradição britânica: no caso

## Introdução aos Estudos Culturais

específico da França, há proximidade na escolha de objetos com o trabalho de Pierre Bourdieu, embora a desconfiança deste “com a orientação exageradamente semiológica de algumas produções britânicas, e mais ainda com sua fragilidade sociológica” (p.139). Fica entendido no livro que, de forma geral, havia receio dos sociólogos com os “outsiders” oriundos dos *cultural studies*. Todavia, o CCCS nasce com forte influência marxista, como, por exemplo, de A. Gramsci, que na década de 1930 gerou o conceito de *hegemonia* para tratar das relações de dominação social; muitos dos trabalhos de Birmingham, portanto, consideram que “a construção da hegemonia passa agora pelas redes e indústrias da cultura e de comunicação” (p.10), e assim a cultura é um modo de adesão às relações de poder, ou, por vezes, de “contestação da ordem social” (p.14). Neste sentido, trata-se de uma releitura do marxismo, recusando o caráter secundário atribuído à esfera cultural nas análises da sociedade.

Nos anos 80, com a queda da aceitação do marxismo como teoria explicativa do mundo, os estudos culturais sofreram reformulações e rupturas internas. De uma forma geral, o amadurecimento de uma nova geração de pesquisadores e o contexto intelectual da “revalorização do sujeito, reabilitação dos prazeres ligados ao consumo da mídia, ascensão de visões neoliberais, aceleração da circulação mundial de bens culturais” (p.15) favorecem nesse campo uma grande expansão de interesse em análises de gênero, sexualidade, etnicidade e práticas de consumo na formação das identidades. Mais do que nunca, se empregam perspectivas pós-estruturalistas e interseccionais. Segundo os autores, tal quadro de “virada etnográfica” exime os *feminist studies* de condição inferior a qual foram taxados até essa década, sendo enfim aceitos no campo como um advento da “condição pós-moderna”.

Conforme se aproxima o século XX, os estudos culturais inspiram “em quase todo o planeta um fluxo sem equivalente de trabalhos e de teorias sobre o estatuto contemporâneo da cultura” (p.13) e “não há mais países [em 2004] onde não existam departamentos ou ensino de estudos culturais” (p.127). Tal crescimento na produção se nota, os autores dizem, por um aumento no número de revistas ligadas ao tema; o que também diminuiria o rigor de entrada no campo. Outras contrapartidas negativas da expansão dos estudos culturais são: “perda de identidade, de rigor e de fecundidade” (p.127), aumento da heterogeneidade entre metodologias e um *efeito Babel*: a hiperfragmentação, potencializadora do caráter de “inter/antidisciplina” (pág. 9), sob certa perspectiva dá aos mais reconhecidos no campo “um direito à palavra sobre quase todos os assuntos de que as ciências sociais e as humanidades

podem tratar” (p.149). Enfim, os autores indagam: “A palavra disciplina também significa seriedade, controle, respeito às regras. Como recusar as disciplinas -no sentido de especialidades -sem simultaneamente se desobrigar da disciplina -no sentido de rigor de trabalho e de métodos”? (p.16).

A influência do CCCS no que se produz cientificamente hoje acerca de cultura se explica em parte pelo poder de difusão internacional da língua inglesa, que facilita o acesso a esses *papers*, em comparação, por exemplo, aos artigos de origem francesa ou alemã. Na América Latina pesquisadores como Néstor Garcia Canclini, Orozco Gomes, Jesús Martín-Barbero e Jorge Gonzales são citados como tributários desta tradição, embora ostentem um quadro conceitual à parte. Mattelart e Neveu demonstram como os teóricos latinos desenvolvem um olhar apurado para as diferenças entre as culturas “populares” e “de massa” e alertam que a inserção dos “*estudios culturales*” à genealogia dos estudos culturais anglófonos, como praticada nos EUA, apaga as raízes e particularidades dos trabalhos e teorias oriundos do sul do continente. Ainda, os autores elucidam que o contexto político-econômico em que emergem os pesquisadores latino-americanos “pode, por vezes, esclarecer suas temáticas: tratar do consumo ou da identidade é menos comprometedor do que analisar as estruturas de poder, os movimentos sociais ou a extrema concentração da mídia” (p.144).

Conclusivamente, é preciso esclarecer que, devido à extensão do texto aqui empreendido, focamos nas críticas negativas dos autores ao campo de interesse em detrimento dos comentários elogiosos, uma vez que a influência dos *cultural studies* já é reconhecida dentro e fora do livro resenhado. Por último, de forma sintética, vale ressaltar que Neveu e Mattelart caracterizam a tradição legada pelo *Centre for Contemporary Culture Studies* como notável em três pontos principais: (I) rejeição às fronteiras entre disciplinas; (II) “renovação dos objetos de pesquisa” se em comparação com seus antecessores; e (III) “uma combinação singular entre pesquisa e engajamento”.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

MATTELART, Armand. NEVEU, Erik. **Introdução aos estudos culturais**. São Paulo: Parábola, 2004. 215p.